



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14599 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

História de vida, educação e iterabilidade na Amazônia

Adriana Helena de Oliveira Albano - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

História de vida, educação e iterabilidade na Amazônia

Resumo: Este trabalho, pretendeu realizar a análise de dois textos autobiográficos produzidos por discentes/docentes indígenas da Universidade Federal de Roraima-UFRR. A escrita do Memorial Autobiográfico por parte desses sujeitos buscou reconstruir suas trajetórias escolares/acadêmicas, apresentando a história de vida nesses espaços e sua influência na atividade docente nas escolas Estaduais Indígenas de Roraima. Também analisamos a constituição dessa subjetividade face ao outro não indígena. Para tanto, utilizamos os conceitos de retórica e resíduo desenvolvidos por João Paulo Monteiro em **Teoria, Retórica e Ideologia**, em que o resíduo retórico remete a uma tomada de posição ideológica. No que tange aos aspectos autobiográficos e suas complexas relações com o eu que despontam no texto, articulamos o conceito de iterabilidade de Jacques Derrida, processo de interiorização do nome próprio que acontece como tentativa infinita de correspondência entre o eu e aquele que está “atrás” do nome e que se mostra através da narrativa.

Palavras-chave: Educação, Autobiografia, indígenas, resíduo, iterabilidade.

Introdução

O objetivo geral do presente resumo expandido é apresentar a importância da narrativa autobiográfica de formação para a reflexão sobre a (des)construção da identidade docente indígena, assim como a percepção do contexto político-pedagógico em que está inserida. Desse objetivo principal, desdobram-se dois objetivos específicos: a análise e interpretação dos textos autobiográficos produzidos pelos docentes/discentes indígenas do curso de Licenciatura Intercultural do Insikiran, Instituto Superior de Formação Indígena da Universidade Federal de Roraima, com o intuito de perceber, por meio da retórica da descrição das experiências vividas, aquilo que João Paulo Monteiro (1975) define como resíduo^[1] e a contribuição dessa leitura para entendermos a retórica da iterabilidade^[2] definida por Derrida como algo que “altera, parasita e contamina o que ela

identifica e permite repetir” (1991, p. 120). Pois, a iterabilidade – ideia oriunda da teoria da desconstrução derridiana – no processo de interiorização do nome próprio, acontece como tentativa infinita de correspondência entre o eu e aquele que está “atrás” do nome e que se mostra através da escrita. No respectivo processo, a tentativa de reconhecimento e referência realizam um trabalho de autoconhecimento, produzido pela iteração com a alteridade que coloca em questão os papéis sociais e a responsabilidade das instâncias educacionais vigentes. O segundo objetivo consiste em aprimorar, partindo do movimento da escrita autobiográfica, a autoanálise e a reflexão crítica da atividade docente, para que esta não reproduza modelos educacionais que ignorem a diversidade presente nessas comunidades.

Metodologia

O que observamos em relação à educação indígena no estado de Roraima, a partir da leitura de textos autobiográficos produzidos por alunos discentes/docentes do Insikiran (UFRR), Instituto Superior de Formação Indígena, é que as escolas acompanham o modelo tradicional de educação que, segundo Paulo Freire, mostra-se incapaz até para o não indígena, e “estimular esse tipo de educação brasileira do jeito que está, não ajuda nem a classe dominante brasileira” (FREIRE, 1982, p.117) e torna-se um outro modo de violência.

Assim, seguindo o caminho do método qualitativo de análise e interpretação, nos orientam os conceitos de retórica e resíduo expostos por João Paulo Monteiro em **Teoria, Retórica, Ideologia** (1975). Tais articulações nos auxiliam na interpretação das narrativas autobiográficas de formação na medida em que percebemos nelas aquilo que o autor define como resíduo, um enunciado que não busca a persuasão, mas instala, por meio de sua retórica, o resíduo:

Mas quando a retórica se torna produtora de teses torna-se necessária uma outra leitura, pois é manifestadamente insuficiente a referência à instância persuasiva. Surge nova pergunta: de que, por sua vez, esses elementos retóricos são sintoma? Esses elementos apresentam-se como um resíduo. (MONTEIRO, 1975, p. 170).

O resíduo está presente quando o enunciado descreve considerações críticas a respeito da experiência vivida no ambiente escolar, as quais apontam para circunstâncias sociais definidas, desencobrando “verdades”. O sujeito autobiográfico, por meio da escrita, desloca-se do lugar daquele que sofreu a ação, para aquele que reflete criticamente sobre o acontecimento socioeducativo agora (re)atualizado. Assim, propõe uma (re)leitura instauradora do posicionamento que remete a uma significação ideológica sobre os acontecimentos pretéritos da trajetória escolar marcada por hostilidade, precariedade, obstáculos físicos – escolas públicas distantes, mobilidade familiar em busca de melhores condições – entre outros. Todavia, há também as alegrias das amizades pueris, a descoberta da escrita, as atividades lúdicas e os momentos da contação de histórias. Nesse cenário de ambiguidade da construção narrativa, desponta o germe do desejo de uma realidade político-educacional mais humanizada, democrática.

Análise e discussão de resultados

Para esse resumo, foram escolhidos dois relatos autobiográficos dentre um total de vinte. A escolha foi realizada sob a perspectiva qualitativa, pois elegemos aqueles com maior número de informações a respeito da trajetória educacional, interligada aos acontecimentos do contexto social, com traços subjacentes ao olhar afetivo do discente/docente.

Os aspectos comuns a todas as histórias lidas remetem à realidade complexa do grupo a qual pertencem: todos são oriundos de espaço rural, viviam da agricultura de subsistência, enfrentaram uma educação descontínua, marcada pela ausência de escolas em suas comunidades e, quando essas se encontravam, acompanhavam o modelo tradicional, dificultando em muito a aprendizagem. Ambos relataram o sacrifício e o esforço para continuarem na educação formal e, ao mesmo tempo, o intenso desejo de prosseguirem os estudos.

Exposto o panorama verificado a partir dessas duas narrativas, faremos um recorte dos trechos mais significantes no tocante aos objetivos aqui propostos. Chamaremos o autor do primeiro texto de A, pois até a presente data não obtivemos autorização para utilizar seu nome verdadeiro, já o nome do autor do segundo texto é Gilmar Brasil.

Trechos do relato de A:

O pré-escolar foi a única lembrança de que havia estudado em uma escola indígena. Outro ciclo da minha vida escolar foi quando fomos obrigados a sermos transferidos para uma outra escola, porque não havia salas de aulas para atender a clientela da sétima série, por isso fomos transferidos para uma escola recém inaugurada (...). Um bairro totalmente desconhecido e desvalorizado daquela época, só se via lixeira nas beiradas de nosso caminho (...). Foi outra mudança significativa em minha vida. Descobrir muitas coisas da minha vida. Da minha origem ser indígena, da minha posição social na cidade e do preconceito pela minha pessoa. Agora encontro-me neste curso. E estou me sentindo em casa. (...)

A partir da orientação sobre a elaboração da narrativa autobiográfica de sua trajetória educacional, percebemos no texto de A, a presença da retórica da iterabilidade. A instauração do posicionamento de diversidade, que não ocorre como emergência da diferenciação caprichosa diante de determinados comportamentos, mas uma espécie de resposta às questões colocadas pelo espaço não indígena. Fato que o homogeneizava arbitrariamente, quando não considerava sua diferença cultural e ao mesmo tempo o diferenciava pejorativamente. A percepção descrita desvela a insuficiência da instituição ou mesmo sua ausência, acrescida da estrutura segregadora que repete, pois tanto o pensamento escolar quanto o acadêmico reproduzem a sociedade em que estão inseridos. Constituem parte dela, formam-na e são formados por ela, “as estruturas sociais se convertem progressivamente em estruturas mentais e em sistemas de preferências” (BOURDIEU, 1997, p. 160).

Apesar do relato de A não possuir conteúdo político ou panfletário, a partir da noção de resíduo, podemos perceber que se instala a ideia de que as políticas educacionais voltadas para sua comunidade não cumprem seu papel. O deslocamento constante por falta de escolas próximas torna a presença no ambiente escolar descontínua e enfraquecida. A escola nos modelos indígenas não fez parte de sua realidade, como podemos observar no trecho “O pré-escolar foi a única lembrança de que havia estudado em uma escola indígena”.

O resíduo retórico significado a partir do trecho “Descobrir muitas coisas da minha vida. Da minha origem ser indígena, da minha posição social na cidade e do preconceito pela minha pessoa” desarticula a regularidade do discurso, na medida em que remete a um “sentido” (utilizo aspas porque não há um sentido pronto ao qual se remete, mas a algo deslizante) mais profundo. Remete a forma como o sujeito se “apropria” da leitura do olhar do outro na constituição do olhar sobre si, desse outro. A caracterização afetiva da escola tradicional na cidade, a serviço de uma sociedade de classes com seus princípios de visão e divisão, apresenta o universo íntimo (des)construído, a partir da ausência de identificação com o meio.

Através da refiguração vivida no espaço de margem na cultura não indígena, A recria também o espaço das experiências individuais em relação ao “outro”, do particular com o público; tenta a construção de uma pedagogia educacional mais humanizada para seu povo, percebida no período, “Agora almejo concluir o nível superior sob o ponto de vista cultural, ou seja, usar a minha culturalidade em prol do meu povo indígena macuxi, as experiências adquiridas no meio social diferente.”

Passemos para o trecho do segundo relato, de Gilmar Brasil:

As etapas de minha formação aconteceram a partir do momento em que comecei a ver o meu pai trabalhar na sala de aula, eu o acompanhava, ao seu lado, via as maneiras como ele conduzia a aula e seu estado de poder sobre os alunos. Reprovei na segunda série, meu pai foi o meu professor, usava muito a palmatória, era cópia de seus professores e dizia que havia sido ensinado assim. (...) Terminei a quarta série em 1995, não pude continuar estudando porque não tinha escola de quinta à oitava série, quer dizer tinha na Água Fria, mas nesse período a invasão garimpeira estava ao ápice, havia muita bebida alcoólica, prostituição e uma série de outras coisas ruins naquele lugar, portanto não era aconselhável estudar ali.

Através dos retratos, das cenas, vai se formando o universo da trajetória de formação educacional. Na medida em que a escrita recaptura as cenas do passado, rerepresentando a cena de suas vivências, liga-se também à história dos grupos sociais com os quais estabeleceu relação. A significação ideológica colocada pelo resíduo, identificado por meio dos enunciados em que expõe a figura paterna como reprodutora do modelo educacional do “homem branco” desaliena problemáticas como a da reprodução da educação tradicional – extremamente complexa e negativa para os não indígenas – por indígenas em algumas

comunidades.

Problemática também colocada pela invasão garimpeira nos territórios indígenas: o perigo expresso pela presença dos garimpeiros interrompe diretamente os anseios que moveriam a continuidade dos estudos. Tal configuração interpõe-se ao do estereótipo e ao da banalização, que ignora a realidade antagônica e agonística do cotidiano indígena. Pelo viés da história individual, se expressa o olhar sobre as relações estabelecidas entre os indígenas e os não indígenas.

Considerações Finais

Os aspectos comuns a todas as histórias lidas remetem à realidade complexa do grupo a qual pertencem: todos são oriundos de espaço rural, viviam da agricultura de subsistência, enfrentaram uma educação descontínua, marcada pela ausência de escolas em suas comunidades e, quando essas se encontravam, acompanhavam o modelo tradicional, dificultando em muito a aprendizagem. Ambos relataram o sacrifício e o esforço para continuarem na educação formal e, ao mesmo tempo, o intenso desejo de prosseguirem os estudos.

Podemos perceber também o desejo de apropriação dos saberes do “homem branco”, pois será através dele que, segundo as lideranças das comunidades indígenas, poderão alcançar a voz de autonomia necessária para sua inclusão num espaço de reivindicação dos direitos estabelecidos pelas leis, mas que não ocorrem na realidade diária dessas comunidades.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre (org.). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. BRASIL. Ministério da Educação. **Estatísticas sobre a Educação Escolar Indígena no Brasil**. Brasília: 2007.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DERRIDA, Jacques. **INC**. Trad. Constança M. Cesar. Campinas: Papyrus, 1991, 1ª ed.

DERRIDA, Jacques. **Salvo o nome**. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Papyrus, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003,

27ª ed. FREIRE, Paulo. Um diálogo com Paulo Freire sobre educação indígena. In: **Texto datilografado da 8ª Assembleia Regional do CIMI MT**, Cuiabá, 16 a 20 jun. 1982.

MONTEIRO, João Paulo. **Teoria, Retórica, Ideologia**. São Paulo: Ática, 1975, 1ª ed.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida e a literatura**: “notas” de literatura e filosofia nos textos de desconstrução. Niterói: ed. EdUFF, 2001, 2ª ed.

[1] Em Teoria, Retórica, Ideologia (1975), no capítulo intitulado “Persuasão e Ideologia”, João Paulo Monteiro escreve que funcionam como resíduo os elementos retóricos sobre os quais uma explicação ao nível da instância persuasiva não é suficiente, do mesmo modo, eles não se “encaixam” em uma determinada teoria. Acontece que tal resíduo necessita de significação ideológica uma vez que, na verdade, remete a tomada de posição e estabelece uma outra teoria.

[2] Para Derrida, uma força ilocutória (ou qualquer outra) não é controlável, “com isso, a intencionalidade não é negada, apenas se torna um dos efeitos possíveis do sistema. É a iterabilidade que permite entender a intencionalidade, e não o contrário, ou seja, não é esta que enquadra legitimamente aquela como índice do 'estiolamento' da linguagem. Repetir, citar, recitar, em suma, são funções parciais de uma iterabilidade geral através da qual a força atua transmitindo a marca, o signo, a frase, o enunciado etc. (...) A iterabilidade da marca é estruturante em toda comunicação, a qual perde seu caráter de transmissão do sentido intencional, para indicar tão-somente esse momento em que uma marca se divide.” (NASCIMENTO, 2001, 159-160)